

## Imagens e vozes do passado: memória urbana na sala de aula

ANA LÚCIA FURQUIM DE CAMPOS

Doutoranda em Lingüística e Língua Portuguesa pela Unesp-Araraquara e professora da Universidade de Franca e do Uni-Facef - Centro Universitário de Franca

CACILDA COMÁSSIO LIMA

Doutoranda em História pela Unesp-Franca

MARIA MADALENA GRACIOLI

Doutora em Sociologia, professora da FESP/UEMG e Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ituverava

### *RESUMO*

Este artigo aborda a memória urbana como recurso didático a partir de oficinas que desenvolvemos com professores da rede estadual, Diretoria de Ensino de Franca, como parte de um projeto de leitura que propõe aos professores a utilização de uma diversa tipologia textual visando sanar dificuldades na compreensão de textos e motivar os alunos na construção do conhecimento, bem como na busca de identidade e exercício da cidadania.

**Palavras-chave:** Leitura. Memória urbana. Semântica

### *ABSTRACT*

This paper approaches the urban memory as a didactic resource from workshops that we have developed with public system teachers, Franca Regional Board of Education, as part of a Reading Project that recommends that teachers use a diversified textual typology, aiming to eliminate difficulties in understanding texts and encourage students to enrich their knowledge, as well as seeking for their identity and citizenship exercise.

**Key words:** Reading. Urban memory. Semantics

*Minha terra*

Saí menino de minha terra  
Passei trinta anos longe dela  
De vez em quando me diziam:  
Sua terra está completamente mudada,  
Tem avenidas, arranha-céus...  
É hoje uma bonita cidade!  
[...]  
Revi afinal o meu Recife.  
Está de fato completamente mudado.  
[...]  
Diabo leve quem pôs bonita a minha terra!

**Manuel Bandeira**

O estranhamento do poeta em relação à mudança de sua cidade reflete as alterações em curso em nossa sociedade que valoriza o novo em detrimento do que é considerado antigo.

Dentre os vários sentidos da palavra “mudar”, podemos mencionar aqueles que trazem a idéia de substituição e modificação de características essenciais de algo. Na paisagem urbana é comum verificar as alterações que são realizadas para evidenciar o progresso e o desenvolvimento. Nesse sentido, tudo o que representa o passado é considerado velho e ultrapassado, daí o ocultamento de fachadas ou a demolição de prédios.

Nesse contexto, a cidade de Franca, localizada no interior do Estado de São Paulo, também sofre os efeitos dessa transformação. Em função disso, elaboramos uma oficina cujo tema é memória urbana. Essa oficina integra o projeto de leitura denominado “Da leitura ao conhecimento: ler, criar e atuar” desenvolvido junto à Diretoria de Ensino de Franca como parte das atividades relativas ao projeto Bolsa Mestrado, programa da Secretaria de Educação do Estado de São Paulo, que tem como finalidade incentivar a qualificação de seus professores por meio de cursos de mestrado e de doutorado em universidades públicas ou particulares.

Beneficiadas por esse projeto, optamos por desenvolver atividades de capacitação para professores que atuam na 5ª série do Ensino Fundamental nas

áreas de História, Geografia e Língua Portuguesa. Nossa equipe propôs aos professores a possibilidade de um trabalho multidisciplinar em sala de aula, ou seja, o desenvolvimento de atividades de leitura que ampliassem o conhecimento do aluno e o tornasse apto a ler efetivamente os mais diferentes tipos de textos.

Nesse trabalho multidisciplinar oferecido aos professores por meio da oficina, inicialmente trabalhamos com algumas noções de semântica, ou seja, o estudo sistemático do sentido.

A opção por essa abordagem se deu pela observação de que as deficiências de leitura, muitas vezes, são decorrentes da dificuldade que o aluno tem em compreender o sentido de algumas palavras no texto. Entendemos que a produção de sentido é um fenômeno humano e, assim, a palavra e seu conceito são variáveis segundo o contexto sócio-histórico-cultural.

Na visão da lingüística, o mundo do sentido é construído pelo homem e, portanto, a linguagem humana é uma inesgotável riqueza de valores. De acordo com HJELMSLEV (1975: p.1-2),

Antes mesmo do primeiro despertar de nossa consciência, as palavras já ressoaram a nossa volta, prontas para envolver os primeiros germes frágeis de nosso pensamento e a nos acompanhar inseparavelmente através da vida, desde as mais humildes ocupações da vida cotidiana aos momentos mais sublimes e mais íntimos dos quais a vida de todos os dias retira, graças às lembranças encarnadas pela linguagem, força e calor. A linguagem não é um simples acompanhante, mas sim um fio profundamente tecido na trama do pensamento; para o indivíduo, ela é o tesouro da memória e a consciência vigilante transmitida de pai para filho. Para o bem e para o mal, a fala é a marca da personalidade, da terra natal e da nação, o título de nobreza da humanidade.

Linguagem, sociedade e valores estão intrinsecamente ligados e, assim, o estudo do sentido só é pertinente se estiver ancorado em textos, produção material da linguagem humana.

Para o desenvolvimento de nosso trabalho, selecionamos textos poéticos

cujos sentidos relacionam-se à memória urbana e às oposições velho/novo, passado/presente.

Os textos trabalhados foram *Minha terra* de Manuel Bandeira, que compõe a epígrafe introdutória deste artigo, e o poema a seguir, de Carlos Drummond de Andrade:

*Ruas*

Por que ruas tão largas?

Por que ruas tão retas?

Meu passo tão torto

Foi regulado pelos becos tortos

De onde venho.

Não sei andar na vastidão simétrica

Implacável.

Cidade grande é isso?

Cidades são passagens sinuosas

De esconde-esconde

Em que as casas aparecem-desaparecem

Quando bem entendem.

E todo mundo acha normal.

Aqui tudo é exposto

Evidente

Cintilante. Aqui

Obrigam-me a nascer de novo, desarmado.

**Carlos Drummond de Andrade**

Nos versos de Drummond, como “Por que ruas tão largas?/ Por que ruas tão retas?/ Meu passo tão torto/ Foi regulado pelos becos tortos”, percebemos o questionamento do eu-lírico em relação às transformações que a cidade sofreu.

Desse modo, os textos analisados introduziram o estudo do espaço urbano numa análise geográfica estudando o campo semântico das vias públicas (ruas, becos, avenidas etc), fotografias antigas e atuais da cidade de Franca

onde foi possível sugerir a transposição das palavras inseridas no texto no espaço cotidiano do aluno.

Nas fotografias recentes da cidade observamos vestígios do passado deixados nas fachadas dos prédios e nas ruas estreitas que ainda conservam a memória urbana e que possibilitam uma reflexão sobre a história de Franca.

Como fonte para o desenvolvimento do trabalho histórico, recorreremos ao Museu da Imagem e Som - MIS, que possui um rico acervo fotográfico de diferentes fases da evolução urbana, e também a entrevistas com pessoas idosas que vivenciaram parte desse processo e que ainda têm na Praça Barão um importante local de encontro e convivência.

A preparação do material para ser utilizado na oficina foi elaborado a partir de um trajeto pela cidade de Franca, previamente planejado onde foi possível identificar e fotografar as diferentes vias públicas que seriam utilizadas para ilustrar o campo semântico dessas vias.

A coleta do material de campo culminou na Praça Barão, quando de posse de fotos antigas da cidade, abordamos alguns frequentadores, que se dispuseram a retirar da sua memória, até então subterrânea, lembranças e sentimentos de pertencimento àquele lugar.

Notamos que, primeiramente, as lembranças mais próximas eram aquelas relacionadas às fotos apresentadas. Ao trazer à tona essas lembranças, outras iam surgindo aos poucos, muitos "causos" foram rememorados, muitas experiências revividas, presentificando o passado e colorindo as recordações.

De posse de fontes empíricas, buscamos fundamentação teórica em trabalhos realizados por Bosi, Bergson, Alberti, Le Goff, Burke e Ferro.

Preocupadas em buscar o sentido das palavras, encontramos em HOUAISS (2001), a etimologia da palavra "memória" que, originada do latim *memoria*, de *memor-oris*, significa "que lembra". BOSI (1987), baseando-se em Bergson, utiliza a etimologia do verbo - "lembrar-se", em francês *se souvenir*, que significa um movimento de "vir" "de baixo": *sous-venir*, vir à tona o que estava submerso.

Pelas definições acima, podemos dizer que memória é vir à tona fatos do passado que estavam submersos, ou seja, presentificar o passado, ou ainda, estabelecer uma ponte entre o passado e o presente.

O momento presente só é significativo porque a memória se encarrega

de recolher no passado o alento necessário para compreender e atribuir significado ao presente.

Ao acionar a memória para encontrar no passado o significado, deparamo-nos com fatos expressivos que causaram emoção seja de alegria ou de tristeza, e que possui uma conexão com o presente, portanto pode ser semelhante ou diferente do momento atual. ARENDT (1992, p.31) afirma que “[...] a memória, que é apenas um dos modos do pensamento, embora dos mais importantes, é impotente fora de um quadro de referência preestabelecido, e somente em raríssimas ocasiões a mente humana é capaz de reter algo inteiramente desconexo”.

Também podemos afirmar que a memória registra o presente para ficar armazenada em forma de lembrança, dessa forma, a lembrança é uma imagem construída pelos materiais que estão à nossa disposição no conjunto das representações que povoam nossa consciência atual. (BOSI, 1987)

Na filosofia contemporânea, Bergson define a lembrança como um ponto de intersecção entre o espírito e a matéria e caracteriza dois tipos de memória: a memória hábito que adquirimos pela repetição contínua de algo e a memória pura, que se caracteriza pela lembrança de algo significativo, seja por valor afetivo, valorativo ou de conhecimento. Para ele, somente a memória pura é a “verdadeira memória”, que se mantém no subconsciente e é capaz de recuperar o passado. Em sua teoria, privilegia a singularidade das lembranças do indivíduo e ignora o meio social do qual é oriundo e determinante sobre ele.

Em contraposição às idéias de Bergson, Halbwachs dá continuidade ao pensamento de Durkheim que acreditava num predomínio do social sobre o indivíduo e, por consequência dos fenômenos psicológicos como percepção, consciência e memória. Halbwachs procura tratar a memória na relação do homem com o meio social. Para ele, lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar com imagens e idéias de hoje as experiências do passado. Como afirma BOSI (1987, p.17) ao interpretar Halbwachs: “a memória do indivíduo depende do seu relacionamento com a família, com a classe social, com a escola, com a igreja, com a profissão, com os grupos de convívio e os grupos de referência peculiares a esse indivíduo”.

**PRAÇA BARÃO DA FRANCA: ESPAÇO VIVO DA MEMÓRIA**

A Praça Barão (foto - 1), situada na região central de Franca, é ponto tradicional de negócios. Desde sua construção, a praça tornou-se local de encontro daqueles interessados em negócios diversos, desde a venda de gado, diamante ou ouro, até a comercialização de dólares, agiotagem e jogo de bicho.

**Foto - 1**



**Foto - 2**



Lícito ou não, a Praça Barão tornou-se referência nesse tipo de comércio. Envolvidos ou não nesses negócios, diariamente vários aposentados, por hábito, continuam a se encontrar para conversar e passar o tempo. São pessoas que sempre moraram em Franca, conhecem bem as imediações e vivenciaram grande parte do processo de transformação pelo qual passou o centro da cidade.

Munidas de fotografias antigas do centro da cidade, procuramos essas pessoas e, a primeira reação ao verem as fotos, foi de uma identificação com aquele lugar, quase que como “sendo seu”, tamanha a intimidade que iam reconhecendo os prédios, apontando e indicando antigos donos.

Encontramos entre esses freqüentadores, três senhores com idade entre 75 e 80 anos, que nos chamaram a atenção pelo entusiasmo que demonstraram em falar do passado. Diariamente freqüentam a praça e a tem como importante ambiente de convívio social.

Ao mesmo tempo em que observavam as fotos, notamos que seus semblantes refletiam uma volta ao passado. Assim, pequenas histórias iam surgindo sobre determinadas construções ou de ex-proprietários de algum comércio. As transformações urbanas ocorridas naquele espaço não passaram despercebidas para eles. Lembram-se de um tempo que, praticamente, só na região central havia calçamento de paralelepípedos, e depois, da substituição pelo asfalto.

A foto de um automóvel modelo Ford fez com que um dos entrevistados nos contasse que esses carros eram chamados de “pé-de-bode” e, na década de quarenta, eram raros na cidade. O transporte urbano era feito pelos chamados “trolinhos”, espécie de carruagem puxada por cavalos, que levavam até duas pessoas. Os trajetos mais concorridos eram os que levavam à estação ferroviária.

Embora as casas comerciais tenham tomado conta de quase todas as antigas construções, os mais velhos, como os três entrevistados, parecem fixar-se nas fachadas superiores dos prédios que ainda estão conservados em meio a tantos luminosos, painéis, toldos e edifícios (*foto - 2*) como forma de encontrar familiaridade numa cidade que eles conheceram e que se transformou.

A uma quadra da Praça Barão encontra-se um dos pontos comerciais mais antigos da cidade, hoje denominada “Casa das Novidades”. Lá conversamos com o proprietário que trabalha no estabelecimento há mais de quarenta anos, começou como funcionário, depois tornou-se sócio e, posteriormente, o

único proprietário da loja. O local sempre funcionou como um ponto comercial e antes, era conhecido por “Casa Higino”, que comercializava secos e molhados. Quando o indagamos o sobre o segredo de permanecer durante tanto tempo no mesmo local com a mesma atividade, ele nos respondeu que a maior parte de sua clientela são fregueses antigos que ele conquistou com simpatia e vendendo produtos populares e de qualidade.

É curioso notar que ele afirma nunca ter feito propaganda de sua loja, tem uma freguesia fiel e nunca se sentiu ameaçado, nem mesmo pela loja concorrente vizinha, o grupo Magazine Luiza, moderna loja de departamentos que experimentou notável desenvolvimento com várias filiais espalhadas pelo país e que foi fundada por uma ex-funcionária da “Casa Higino”. Destacamos que a “Casa das Novidades” preserva o prédio e mantém, ao longo dos anos, o estilo de organização interna da loja nos moldes da época dos armazéns de secos e molhados.

Esse senhor também presenciou a transformação do espaço central da cidade e o que mais lhe chamou a atenção foi a construção do calçadão da rua Voluntários da Franca. A princípio achou estranho, mas logo constatou, como benefício dessa mudança, o aumento de clientes de sua loja e o lucro que isso gerou.

A conversa informal com esses francanos instigou nossa curiosidade em saber um pouco mais sobre aquele espaço, como forma de busca no passado a identidade da cidade.

A Praça Barão (*foto - 3*) tem esse nome em homenagem a José Garcia Duarte, fazendeiro de café, membro do partido monarquista, que recebeu o título de Barão em 1888. Ele morava no local e presenteou a cidade com um terreno, em 1874, para a construção do teatro Santa Clara, que se localizava na rua do Comércio, de frente para a praça Barão.

O nome original da Praça Barão era, no entanto, Praça da Aclamação. Acredita-se que teve esse nome por ter sido erigido ali o pelourinho, símbolo da justiça do então criado município de Franca que foi desmembrado da Comarca de Mogi-Mirim, em 1824.

A Praça Barão teve, desde sua fundação, várias mudanças no plano arquitetônico, mas conservou pelo menos uma interessante característica: essa praça, desde os primórdios, era local repleto de tabernas e costumava reunir

Foto - 3



jagunços, soldados, mascates e, portanto, sempre foi um espaço de predominância masculina, o que de certa forma preserva até hoje.

A Praça Nossa Senhora da Conceição e a Praça Barão, juntas, ocupam uma área de 10.000 m. Inicialmente, a Praça Nossa Senhora da Conceição recebia o nome de Largo da Alegria. Essa praça foi criada na época da fundação de Franca em 1805, com o nome de Freguesia Nossa Senhora da Conceição da Franca em uma área da fazenda Santa Bárbara doada ao Patrimônio da Igreja pelos herdeiros do Capitão Manoel de Almeida. Com a instalação da Vila, em 1824, a Câmara Municipal procurou oficializar os primeiros logradouros: as praças da Alegria (atual Nossa Senhora da Conceição) e Aclamação (Praça Barão) e as ruas do Adro (Monsenhor Rosa), do Comércio, Nova (Campos Sales), do Ouvidor (Ouvidor Freire) e da Princesa (Voluntários da Franca).

A duas praças, localizadas bem no centro da cidade, foram palco de várias transformações urbanas desde a formação do arraial em 1805. É, no entanto, a partir da década de 1880 que transformações significativas ocorreram no espaço urbano da cidade. A riqueza advinda do café proporcionou o aparecimento de imponentes sobrados, o aumento do comércio, a preocupação com o calçamento das ruas, iluminação e ajardinamento das praças, ou seja, melhorias urbanas passam a ser sinônimo de progresso.

A chegada da estação ferroviária, em 1887, apontou a direção para onde deve seguir o crescimento urbano. A distância percorrida da estação ao centro deu origem à lendária rua dos Bondes. Poucos são os elementos encontrados pelos memorialistas da cidade que se ocuparam em fazer uma história da rua dos Bondes. Sabe-se que, desde 1890, havia pedidos de licença na Câmara Municipal para a instalação de uma linha de bondes de tração animal ligando o centro da cidade com a estação da Companhia Mogiana de Estradas de Ferro. A linha foi inaugurada em 1884 e a estação central situava-se no Largo da Misericórdia (atual Praça Dom Pedro), seguia pelos largos da Alegria e Aclamação, rua do Ouvidor até a rua Santa Efigênia (atual General Osório), que ficou conhecida como rua dos Bondes. No trabalho de Carmelino Correia Júnior (apud SANTOS, 1991, p.6), encontramos a seguinte descrição:

Quando o bonde chegava próximo da descida, o boleiro e o cobrador retiravam as parelhas dos burros ou cavalos e deixavam o carro correr pelo plano inclinado, até o final. Assim ele ia rua abaixo, apenas sustentado pelos breques. Como se tratava de uma bitola de sessenta centímetros, o carro ia ginha-jogando e, de vez em quando, saltava dos trilhos, atirando ao solo sua carga humana. Continente e conteúdo iam parar nos barrancos. Mas geralmente com o impulso, ele subia morro acima e alcançava bons metros, depois da passagem do Córrego dos Bagres. O cocheiro brecava e de novo recebia outra parelha de animais e lá se ia vagarosamente até alcançar o taboleiro da Estação. Em outras ocasiões, os animais não estavam pela coisa, empacavam e era necessário que os próprios passageiros descessem e ajudassem a bugiganga subir.

Os bondes circularam até 1896, quando o material da Cia. Carril Francana foi colocado à venda. Os senhores que nos concederam entrevista lembram-se de um período posterior em que circulava um transporte coletivo puxado por muares e apelidados de bondes.

Por meio do contato com esses senhores e pela pesquisa realizada percebe-se que o resgate da “memória viva” pode ser aliado de um ensino que valoriza o idoso e preserva a memória coletiva e que, no retorno ao passado,

encontra uma identidade, fazendo-o sentir pertencente a esse lugar, condição essencial para o exercício da cidadania.

#### MEMÓRIA URBANA NA SALA DE AULA: O ELO ENTRE O PASSADO E O PRESENTE

O princípio educativo no trabalho com memória na sala de aula provém da possibilidade da leitura de imagens, utilização de entrevistas, histórias de vida, produção de textos, visita a museus, entre outros, que possibilitam condições de transformar a postura conservadora e preconceituosa predominante em nossa sociedade em uma visão que privilegia a construção de identidades e valores de cidadania.

A leitura de imagens é um importante recurso para o desenvolvimento da percepção que favorece um olhar mais atento às modificações do espaço urbano e que suscitam questionamentos: Onde fica essa rua? Por que ruas tão estreitas? O que existe nesse local atualmente? Essas indagações são tentativas de compreender o presente através de imagens do passado.

Selecionamos, no MIS, uma foto de 1929 que retrata um trecho da Rua Marechal Deodoro (*foto - 4*), hoje transformada em calçada, que compõe a Praça Barão. Para a análise comparativa feita a seguir, fotografamos esse mesmo local hoje (*foto - 5*).

No passado, ruas largas circundavam a Praça Barão e as árvores tinham como função principal proporcionar sombra. As casas, prédios altos e de arquitetura majestosa, cheias de arabescos, com janelas e portas grandes, indicam um período de crescimento, de pujança econômica advinda da riqueza do café. Os postes de iluminação e os carros já estavam presentes no espaço urbano, sinal de progresso.

No presente, os prédios continuam na praça, mas suas fachadas ora pintadas com cores fortes, vibrantes, ora desbotadas, indicam uma indiferença ao estilo arquitetônico e um descaso com a preservação. Os luminosos comerciais, os toldos, as propagandas apontam para uma área estritamente comercial. Um emaranhado de fios de eletricidade e cabos telefônicos se misturam com as fachadas dos prédios, as ruas foram substituídas pelo calçada, exibindo projeto paisagístico que acompanha a tendência atual cuja finalidade é proporcionar beleza e funcionalidade do comércio no centro da cidade.

Foto - 4



Foto - 5



Nesse confronto entre o antigo e o novo, evidencia-se o ocultamento da história da cidade. Aproximar a realidade do aluno a questionamentos que o levem a refletir sobre sua própria identidade, seu papel como cidadão e participante das transformações do espaço urbano, é resgatar a

memória urbana, é valorizar a cultura local, é preservar seu passado.

Procuramos refletir junto com os professores envolvidos na oficina, outras possibilidades de trabalhos com memória na sala de aula. Muitas idéias foram surgindo, entre as quais a entrevista com os avós e/ou pessoas idosas. A utilização das lembranças de idosos pode ser utilizada entre tantas outras possibilidades, para reconstruir a história da cidade, do bairro ou de alguma construção significativa para a comunidade, ou ainda, da própria escola.

Sugerimos e indicamos aos professores leitura de textos sobre história oral [1] para que tenham embasamento teórico-metodológico para orientar os alunos na preparação e elaboração das entrevistas.

Ao utilizar a história oral nas atividades escolares, o professor estará possibilitando a aproximação de duas gerações. Aos mais novos, é oferecida a oportunidade de conhecer os saberes e as experiências dos idosos e, dessa forma, valorizá-los enquanto cidadãos que participaram da construção social e histórica do local onde vivem. Para os idosos, é reconhecê-los como pessoas capazes, é valorizar suas experiências e proporcionar o resgate da auto-estima. PARK (2000, p.26) afirma que:

Colocar pois, velhos e crianças juntos, seja em situações escolares ou domésticas, pode significar uma grande oportunidade em direção a uma vivência repleta de significado para ambos, dado que as semelhanças que rondam/constituem tais seres dançam e se misturam confundindo-se com mariposas em torno da luz...

O ensino com história oral possui um caráter multidisciplinar, que estabelece uma interlocução entre várias disciplinas, privilegiando a linguagem oral daqueles que testemunharam a ajudaram a construir a história. São pessoas que, com suas crenças e valores, alegrias e tristezas e, principalmente com o suor do rosto, participaram do legado social, cultural e histórico que herdamos. THOMPSON (1992, p. 44) afirma que:

A história oral é uma história construída em torno de pessoas. Ela lança a vida para dentro da própria história e isso alarga seu campo de ação. Admite heróis vindos não só dentre os líderes, mas dentre a maioria

1 - POLLAK, M.  
Memória e identidade social.  
*Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, V.5, n.10, 1992.  
SOARES, Maria Inez Lemos. A história oral como princípio educativo. *Presença Pedagógica*, São Paulo, v. 3, n. 16, 1997.  
PORTELLI, Alessandro. Tentando aprender um pouquinho: algumas reflexões sobre a ética na história oral. *Projeto História*, São Paulo, v. 15, abr. 1997.  
MATTOS, O. C.F.A. cidade e o tempo: algumas reflexões sobre a função social das lembranças. *Reunião Anual da SBPC*, 34ª, no Simpósio: Cidade e Utopia.

desconhecida do povo. Estimula professores e alunos a se tornarem companheiros de trabalho. Traz a história para dentro da comunidade. Ajuda os menos privilegiados, e especialmente os idosos, a conquistar dignidade e autoconfiança. Propicia o contato – e, pois, a compreensão – entre classes sociais e entre gerações.

Incentivar crianças e jovens a desvendar as lembranças que povoam a memória de idosos que foram cotidianamente construindo em acontecimentos vividos individual ou coletivamente na sua comunidade a sua história de vida, é possibilitar a reconstrução da história a partir da história viva presente na nossa sociedade.

Para motivar os alunos, a escola pode solicitar junto ao MIS, a exposição itinerante, conhecida como Museu de Rua, composta por 21 *banners* com aproximadamente quatro fotos cada, relativas a antigas construções, praças e ruas de diferentes épocas da história da cidade.

A exposição pode permanecer na escola por até duas semanas e pode ser realizada no pátio, local de acesso fácil de todos que circulam diariamente pela escola, bem como abrir esse espaço para ser visitado pelos moradores do bairro, estabelecendo assim a integração escola/família/comunidade.

Motivado pelo Museu de Rua, o professor pode desenvolver de forma interdisciplinar o trabalho de recuperação da história do bairro, solicitando aos alunos que pesquisem com seus familiares fotos antigas de construções, praças e ruas de seu bairro e, a partir delas, planejar uma excursão pela vizinhança, disponibilizando aos alunos a oportunidade de fotografar esses lugares e conversar com antigos moradores. De posse do material coletado, os professores poderão orientar os alunos na produção de textos e na realização de exposição com as fotos antigas e presentes. [2]

A proposta de utilização da memória urbana na sala de aula vai ao encontro às reflexões mais recentes da historiografia que influenciadas pelas contribuições do movimento conhecido como Nova História, têm possibilitado novas abordagens no processo de produção histórica a partir de temas ligados ao cotidiano e ao reconhecimento da importância da história oral na tarefa de captar os testemunhos do momento vivido. Como ressalta Burke, o historiador passa a estudar a memória como um fato histórico:

*2 - As escolas localizadas nos bairros Miramontes, Vila Aparecida, Centro, Estação, Jardim Aeroporto, Santa Cruz, Parque Progresso, Cidade Nova e conjunto habitacional Vicente Leporace podem recorrer ao Arquivo Histórico Municipal de Franca que dispõe de monografias sobre a história desses bairros.*

Os historiadores se interessam pela memória como um fenômeno histórico; pelo que se poderia chamar de história social do lembrar. Considerando-se o fato de que a memória social, como a individual, é seletiva, precisamos identificar os princípios de seleção e observar como eles variam de lugar para lugar, ou de um grupo para outro, e como mudam com o passar do tempo. As memórias são maleáveis, e é necessário compreender como são concretizadas, e por quem, assim como os limites dessa maleabilidade. (BURKE, 2000, p.73)

Ao possibilitar que o aluno estabeleça vínculos entre o passado e o presente a partir de problemas e questionamentos colocados anteriormente de uma realidade próxima e com fontes trabalhadas por eles mesmos, o professor contribui de maneira rica no processo de construção do conhecimento desse aluno.

Sabemos que a sociedade brasileira não valoriza a preservação da sua memória, sendo assim, a escola pode iniciar seus alunos nessa prática. Para isso, sugerimos que a escola disponibilize um espaço para a construção de um memorial ou Centro de memória, reunindo objetos antigos (carteiras, máquinas de escrever, instrumentos musicais, troféus, mimeógrafos etc), fotos (do prédio, de antigos diretores, de ex-alunos, de festividades) documentos (fichas de matrículas, histórico escolares, recortes de jornais), fitas de vídeo, história do patrono, entre muitas outras possibilidades que são peculiares a cada unidade escolar e a cada comunidade.

Nem sempre a escola dispõe de espaço para um memorial, porém pode e deve resgatar e manter viva a história da escola e do patrono, como forma de impedir que o tempo se encarregue de despedaçar e enterrar a memória daqueles que construíram o patrimônio cultural e histórico que herdamos e que, portanto, temos obrigação de preservar.

#### CONSIDERAÇÕES FINAIS

Fotografias, construções antigas, objetos, documentos, vozes são pedaços do passado que podem ser recuperados e colados ao presente.

Ao buscar o sentido da memória, encontramos também crenças, valores, costumes, hábitos que transitam entre o passado e o presente e que delinham a nossa própria identidade.

Nas poesias analisadas, por meio de recursos lingüísticos, os poetas deixam aflorar sua sensibilidade perante a “perversa” transformação e modernização do mundo, que contrapõe seu local de vivência, considerado por eles bonito e prazeroso num espaço antigo, obsoleto, feio.

Nas fotografias, como partículas iluminadas do passado, encontramos a reprodução, pelo olhar do fotógrafo, de imagens significativas que registram a história e a cultura vivenciadas num determinado momento.

Nos relatos orais, diferentes vozes trazem do passado, entre falas entrecortadas, silêncios e palavras soltas, as vivências experimentadas num tempo distante, deslocadas para o presente através do fluxo da memória.

Recuperar fragmentos do passado significa perpetuar o legado histórico e cultural que os nossos antepassados deixaram como registro de seu cotidiano. Portanto, inserir o trabalho com memória na sala de aula é não deixar morrer valores incorporados na construção de nossa identidade.

Enfim, resgatar todos esses registros é transformar o mundo, é valorizar o homem e sua história, é criar um espaço para que a memória deixe rastros do passado no presente.

## **BIBLIOGRAFIA**

ALBERTI, Verena. *Ouvir Contar: Textos em História Oral*. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

ARENDT, Hannah. *Entre o Passado e o Futuro*. São Paulo: Perspectiva, 1992.

BANDEIRA, Manuel. *Estrela da Vida Inteira*. 20. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993, p. 201.

BURKE, Peter. *Variiedades da História Cultural*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

\_\_\_\_\_.(Org) *A Escrita da História: Novas Perspectivas*. São Paulo: Editora Unesp, 1992.

BOSI, Ecléa. *Memória e Sociedade: Lembranças de Velhos*. São Paulo:

Edusp, 1987.

CUNHA, Antônio Geraldo da. *Dicionário Etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa*. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Dicionário Básico de Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1995.

FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaina (Org.). *Usos e Abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: FGV, 2002.

FERRO, Marc. *A História Vigada*. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

HJELMSLEV, Louis. *Prolegômenos a Uma Teoria da Linguagem*. Tradução de J. Teixeira Coelho Neto. São Paulo: Perspectiva, 1975.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. *Dicionário Houaiss de Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

ILARI, Rodolfo. "Aspectos do ensino do vocabulário". In: \_\_\_\_\_. *A Linguística e o Ensino da Língua Portuguesa*. 4ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1992. p. 45 - 67.

\_\_\_\_\_; GERALDI, João Wanderley. "A significação das palavras". In: \_\_\_\_\_. *Semântica*. São Paulo: Ática, 1994. p. 41 - 63.

LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. Campinas: Unicamp, 2003.

PARK, Margareth Brandini. (Org.) *Memória e Movimento na Formação de Professores: Prosas e Histórias*. Campinas: Mercado das Letras, 2000.

PIETROFORTE, Antônio Vicente; LOPES, Ivã Carlos. "A semântica lexical". In: FIORIN, José Luiz (org.) *Introdução à Linguística II: Princípios de Análise*. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2003. p.111-135.

SANTOS, Wanderley dos. "Os bondes da Franca". *Diário da Franca*, Franca, 05 out. 1991, p. 5-6.

\_\_\_\_\_. "Os nomes das ruas e largos de Franca de antanho". *Comércio da Franca*, Franca, 28 nov. 1991.

THOMPSON, Paul. *A Voz do Passado: História Oral*. São Paulo: Paz e Terra, 1992.